

RELIGIÃO E POESIA NAS CARTAS INÉDITAS DE MURILO MENDES PARA ALCEU AMOROSO LIMA (1958-1974)

Raphael Salomão KHÉDE*

- **RESUMO:** No acervo do poeta no Museu Murilo Mendes, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), estão preservados 50 documentos inéditos, entre os quais, 39 cartas, 3 telegramas, 4 bilhetes, 3 cartões postais e um texto, escritos por Murilo Mendes (1901-1975) para Alceu Amoroso Lima (1893-1983), entre 1930 e 1974. De Alceu para Murilo há somente duas cartas preservadas, segundo a informação de Leandro Garcia Rodrigues (2023). Devido à extensão e à riqueza do material presente nas cartas, considerou-se necessário dividir o trabalho em duas etapas. O presente ensaio tem como objetivo percorrer as onze missivas, enviadas por Murilo Mendes para Alceu Amoroso Lima, entre 1958 e 1974 – período antecedente à transferência, em 1957, para a Itália, do poeta e sua esposa, Maria da Saudade Cortesão Mendes (1913-2010) –, ao analisar a relação entre poesia e religião na obra de Murilo Mendes.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Murilo Mendes; Alceu Amoroso Lima; cartas inéditas; religião; crítica; poesia.

Introdução

No acervo do poeta no Museu Murilo Mendes, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), estão preservados 50 documentos inéditos¹, entre os quais, 39 cartas, 3 telegramas, 4 bilhetes, 3 cartões postais e um texto escritos por Murilo Mendes (1901-1975) para Alceu Amoroso Lima (1893-1983), entre 1930 e 1974. De Alceu para Murilo há somente duas cartas preservadas, segundo a informação de Leandro Garcia Rodrigues (2023, p. 222). Devido à extensão e à riqueza do material presente nas cartas, considerou-se necessário dividir o trabalho em duas etapas. Após termos realizado, em trabalho anterior, uma análise das cartas escritas entre 1930 e 1953 – período antecedente à transferência, em 1957, para a Itália, do poeta e sua esposa, Maria da Saudade Cortesão Mendes (1913-2010) –, temos, com o presente ensaio, o objetivo de percorrer as onze missivas enviadas por Murilo Mendes para Alceu Amoroso Lima, entre 1958 e 1974.

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - Instituto de Letras (ILE), Letras neolatinas (LNEO). Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 20950-000. raphaelsalomao@hotmail.com.

¹ Com a exceção das cartas de 27/02/1931, de 18/02/1936 e 1/03/1954, escritas por Murilo, e a carta de 23/11/1960, enviada por Alceu, as quais foram publicadas por Leandro Garcia Rodrigues (2023).

Artigo recebido em 20/09/2023 e aprovado em 21/11/2023.

Quando Murilo Mendes chegou à Itália, em 1957, já era um poeta com uma obra consistente, tendo publicado, até então, 13 livros, desde a estreia em 1930. Conforme indicam as cartas inéditas enviadas para Alceu Amoroso Lima – assim como a correspondência inédita para Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto –, o poeta mineiro, durante a fase italiana, além de exercer a profissão de professor universitário e de crítico de arte, escreveu e reescreveu cerca de 13 livros, seis publicados em vida e sete póstumos.

Dentre tantos temas relevantes, o material da correspondência com Alceu se caracteriza por um aspecto principal: a complexa relação entre religiosidade e poesia no projeto estético de Murilo. Ao longo de mais de quarenta anos, o poeta se correspondeu, debatendo este tema, com aquele que foi o primeiro a escrever oficialmente sobre a sua obra e era considerado o maior crítico literário daquele momento. A biblioteca de Murilo Mendes, conservada em Juiz de Fora, atesta o grande apreço intelectual² que o poeta mantinha por Alceu Amoroso Lima, o qual analisou *Poemas 1925-1930*, numa nota de rodapé em *O Jornal* (RJ), em 1930. Na época, a autoridade de Alceu na vida literária era enorme, conforme aponta Leandro Garcia Rodrigues:

A maioria dos escritores brasileiros da primeira metade do século XX se correspondeu com Alceu Amoroso Lima, que, entre as décadas de 1920-1950, foi o principal crítico literário brasileiro, tendo exercido grande influência sobre a intelectualidade de então. Escrever a Tristão de Athayde, seu famoso pseudônimo literário criado em 1919, era uma tentativa de o escritor brasileiro de então conseguir “um lugar no sol” no mundo literário (Rodrigues, 2023, p. 223).

É necessário levar em consideração a instabilidade da forma das cartas, seu caráter de gênero híbrido, o qual mantém relações com a crônica, o romance, a poesia e assim por diante. A correspondência de um autor, em geral, é uma espécie de testemunho sobre cada uma das suas obras: “sobre sua gênese, sobre sua publicação, sobre a acolhida do público e da crítica e sobre a opinião do autor a seu respeito em todas as etapas de sua história” (Guimarães, 2004, p. 10). Segundo Marcos Antonio de Moraes:

A carta é “laboratório” onde se acompanha o engendramento do texto literário em filigranas, desvendando-se elementos de constituição técnica da poesia e seus problemas específicos. Propicia a análise (gênese e busca do sentido) e torna manifestas as motivações externas que “precisam a circunstância” da criação. A escrita epistolográfica também proporciona a experimentação linguística e o desvendamento confessional. Enquanto expressão do momento, nascida ao correr

² Murilo possuía em sua biblioteca 14 volumes de Alceu nas seguintes edições: *A estética literária e o crítico* (1954), *A evolução religiosa de Joaquim Nabuco* (1949), *A Igreja e o novo mundo* (1943), *A vida sobrenatural e o mundo moderno* (1956), *Estética literária* (1945), *Introdução à economia moderna* (1961, 2ª ed. e 3ª ed.), *Meditação sobre o mundo moderno* (1942), *Mitos de nosso tempo* (1943), *O crítico literário* (1945), *O espírito e o mundo* (1936), *O problema do trabalho* (1947), *Pela cristianização da idade nova* (1946) e *Primeiros estudos* (1948).

da pena, os paradoxos e contradições se tornam presentes. Como em um romance, nela também as paixões entrelaçam e os desejos afloram (Moraes, 2000, p. 14).

Muito citado nas cartas dos anos 1930 e 1940, escritas por Murilo para Alceu, é o Centro Dom Vital (CDV), fundado por Jackson de Figueiredo, em 1922, no Rio de Janeiro. Segundo Leandro Garcia Rodrigues (2023, p. 226), tratava-se de um centro de intelectuais católicos pertencente à Arquidiocese do Rio de Janeiro, cuja ação pastoral se destinava aos meios mais abastados da sociedade, bem como artistas, políticos e o mundo intelectual como um todo. Sua sede era na praça XV de novembro, no coração da antiga capital federal, e a ele se filiaram figuras como Jorge Amado, Augusto Frederico Schmidt, Jorge de Lima, Lúcio Cardoso, Cornélio Pena, Ismael Nery e o próprio Murilo Mendes, dentre outros. O CDV expandiu-se para outros estados do país, principalmente Minas Gerais, que recebeu suas filiais em Juiz de Fora, São João del-Rei, Ouro Preto, Cataguases, Belo Horizonte. Nas cartas de Murilo, há constantes referências, também, à revista *A Ordem*, criada, em 1921, por iniciativa de Jackson de Figueiredo e Dom Sebastião Leme, então cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro. Era uma espécie de “diário oficial” dos intelectuais católicos do Rio de Janeiro, que, em 1922, se congregaram em torno do Centro Dom Vital. Com a trágica morte de Jackson por afogamento, em novembro de 1928, Alceu Amoroso Lima assumiu a direção da revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital. Neste jornal, Murilo publicou alguns de seus poemas³ e, em 1935, alguns poemas inéditos de Ismael Nery.

Cartas 1958-1974

Na carta, enviada de Roma, do dia quinze de fevereiro de 1958, Murilo convida Alceu a enviar um texto para uma publicação em homenagem aos setenta anos do poeta Giuseppe Ungaretti:

Realizam-se atualmente na Itália comemorações pelo 70º aniversário de Ungaretti, cujo nome está ligado ao Brasil por tantos motivos. A comissão organizadora, composta de nomes expressivos das letras italianas, encarregou-me de convidar alguns dos mais eminentes escritores brasileiros a darem seu depoimento sobre o poeta ou sobre o homem, ou a tratar dalgum aspecto de sua obra. Não há restrições de espaço, mas se preferir poderá enviar um texto curto. A tradução será feita aqui, por pessoa competente. Seu testemunho – que antecipadamente agradeço – constituiria uma valiosa contribuição a esta homenagem e a um grande poeta e a um homem a que a cultura brasileira muito deve. V. não virá à Europa este ano, ano de Lourdes?... Teríamos muito gosto de encontrá-lo (los) aqui em Roma. (Mendes, 1958a).

³ Por exemplo, o poema “Na comunhão dos santos”, publicado em 1938 em *A Ordem*, permaneceu inédito em livro. Há alguns versos que tocam no tema da relação entre comunismo e catolicismo: “Vejo e ouço a Juventude Operária Católica / Depondo a Teus pés os instrumentos de trabalho / E cantando em coro: ‘Operários de todos os países, / Unamo-nos no amor do Cristo Operário, no Seu e no nosso trabalho’” (Mendes, 1938, p. 30-33).

Não há notícias, porém, a respeito desta publicação. É interessante notar, no entanto, que Murilo, um dia após o envio desta carta (portanto, no dia dezesseis de fevereiro de 1958), escreveu para Carlos Drummond de Andrade, com quase as mesmas palavras, solicitando, também, em carta inédita, o envio de um texto de Drummond para compor o livro em homenagem a Ungaretti:

Realizam-se atualmente na Itália comemorações do 70º aniversário de Ungaretti, as quais se prolongarão até fins de março. A comissão organizadora, composta por expressivos nomes das letras italianas, encarregou-me de solicitar a alguns poetas e escritores brasileiros, escolhidos entre os mais ilustres, um depoimento sobre o homem ou sobre qualquer aspecto da sua obra. Não há restrições de espaço, mas, caso v. o deseje, poderá mandar um texto curto. A versão para o italiano será feita aqui, por pessoa competente. Sua colaboração, que antecipadamente agradecemos, constituiria valiosa contribuição à homenagem deste grande poeta, ligado ao Brasil por tantos laços de afeto e tantos serviços prestados à nossa cultura. (Mendes, 1958b).

Em fevereiro de 1959, Murilo enviou um cartão postal de Ravenna com a estampa de São Paulo, apóstolo ao qual o poeta dedicou um longo artigo publicado em *A Ordem*, em setembro de 1948:

Há quanto tempo não tenho suas notícias diretas! Como vão? Não pensam em vir a Roma? E nossa beneditina, sarou do ouvido? Perguntas, perguntas. Não lhes posso dizer o que temos visto, ouvido, lido, passado... Seria preciso um livro. O melhor é resumir algo no plano do afeto: que os amigos estão sempre vivos na nossa lembrança. Como se os tivéssemos deixado ontem. Escrevam uma linha, logo que puderem. (Mendes, 1959).

Na epístola de catorze de março de 1960, o poeta menciona uma viagem ao sul da França junto a João Cabral de Melo Neto e alude a uma epístola para o crítico Willy Lewin (1908-1971), o qual escreveu uma resenha sobre Murilo Mendes, em o *Boletim de Ariel*, em 1934. Trata-se de uma longa carta em que Murilo reflete sobre diversos aspectos do catolicismo. O poeta, ao longo de sua trajetória, publicou vários textos, nos quais a temática teológica é explícita desde o título: *O Sinal de Deus* (escrito em 1936, e publicado em 1994), *Quatro textos evangélicos* (1984), *O Discípulo de Emaús* (1945), por exemplo. Embora a religião esteja presente, praticamente, na obra inteira do poeta – sobretudo após a sua conversão, ocorrida em 1935 –, ela, em algumas ocasiões, foi mal-entendida pela crítica. Há casos mesmo de incompreensão desta temática, como resulta, por exemplo, na primeira resenha a respeito do livro *Tempo e eternidade* (1935), escrito em parceria por Murilo Mendes com Jorge de Lima. Em “Poesia eterna”, publicado em *O Jornal*, no dia cinco de abril de 1935, José Mariz de Moraes chama a atenção para o catolicismo de Murilo, não como escolha estética, mas como um valor moral relacionado ao homem antes que ao poeta:

Murilo Mendes era – ou se dizia – comunista. Sua fisionomia exterior é oposta a do seu companheiro de poesia. Mais esquizoide que Jorge de Lima, cultivou, apesar disso, todas as tendências para o grotesco. Hoje a prática religiosa fez do antigo cômico um dos homens mais equilibrados do Brasil (Morais, 1935, p. 3).

Em artigo de 1939, “A poesia em pânico”, Mário de Andrade já havia indicado o lado herético do catolicismo de Murilo, ao analisar a religião nos poemas de *A poesia em pânico* (1937): “Além de um não raro mau gosto, desmoraliza as imagens permanentes, veste de modas temporárias as verdades eternas, fixa anacronicamente numa região do tempo e do espaço o Catolicismo, que se quer universal por definição. Neste sentido, o catolicismo de Murilo Mendes guarda a seiva de perigosas heresias” (Andrade, 1946, p. 45). O próprio Murilo manifestou em diversas ocasiões sua concepção de um catolicismo preocupado com questões de ordem social. No artigo “Cristo companheiro”, publicado no jornal *A Manhã*, em 24 de dezembro de 1944, o poeta escreve:

O Cristo é o mestre da liberdade. É muito instrutivo acompanhar esta ideia em diversas passagens do Evangelho. O Cristo não impõe sua doutrina pela força, não emprega o aparelhamento cenográfico tão ao gosto de certos ditadores antigos e modernos – principalmente modernos, pois que usam todos os prestígios da técnica para hipnotização das massas. Na sua vida de comunidade com os apóstolos não existe nem sombra de constrangimento ou tirania. Ele declara que quis reunir num só bloco todos os filhos de Jerusalém, mas esta não quis. Ele não a força. O Cristo é mestre da liberdade (Mendes, 1944c, p. 4).

É importante levarmos em consideração tais ideias progressistas, expressas por Murilo neste artigo dos anos 1940, porque elas estão presentes, também, nas cartas enviadas a Alceu que estamos analisando. Na continuação da carta de catorze de março de 1960, o poeta escreve:

Recebemos seu (vosso) cartão de Natal, tão bonito, em resposta ao nosso (a propósito, a foto não foi tirada em Roma, e sim na Provençe, - Les Baux – sítio extraordinário, digno da Espanha, onde Cocteau estava girando seu filme *Le testament d'orphée*, e onde excursionamos com o nosso admirável João – João Cabral de Melo Neto). De há muito desejo escrever-lhe, mas a dificuldade – o mesmo dizia eu ontem em carta ao Willy Lewin – é que a certos amigos não se tem vontade de mandar uma carta, mas uma série delas – tantos são os assuntos que nos interessam reciprocamente. V. poderá imaginar o que tem sido m^a experiência – três anos em Roma! Uma coisa é vir à Itália como turista – e eu já tinha vindo em 52 e 54 em tal qualidade –, levar a visão feérica das cidades de arte e dos monumentos, das belas mulheres etc. Outra coisa é instalar-se aqui, participar da vida do país, viver nas barbas do papa, às portas da Cúria Romana. (Mendes, 1960).

Recentemente, ocorreu uma nova discussão sobre o tema da religiosidade do poeta, ao se colocar em relação o catolicismo de Murilo Mendes com suas escolhas estéticas, em particular com o surrealismo e com a crítica social. Nesse sentido, Júlio Castañon

Guimarães (1993, p. 45) aponta para o fato de que “a poesia que Murilo apresenta sob a divisa ‘Restauremos a poesia em Cristo’ não deixa de se abrir para uma realidade que é também objeto de preocupações de caráter social e político”. Murilo manifestou constantemente uma posição social e política antiliberal, com críticas ao sistema capitalista, ao encarar “a necessidade de uma reforma social com base em valores católicos e uma poesia que venha a ser não um ‘folclore religioso’, mas a manifestação de valores eternos da vida” (Guimarães, 1993, p. 43). Para Murilo Marcondes de Moura (1995, p. 49), a religiosidade de Murilo Mendes manifestava-se sempre “como desejo utópico de totalidade e abrangência, e, com raríssimas exceções, nunca se mostrou de posse de qualquer verdade dogmática, consumindo-se, ao contrário, na exploração, que se sabia aproximativa, de outras possibilidades da experiência humana”. Na continuação da carta de março de 1960, Murilo critica o anticomunismo da igreja oficial, na Itália, e sua recusa em apoiar ideias progressistas e se adaptar às mudanças ocorridas na sociedade civil:

Para um católico consciente, que sabe das possibilidades infinitas da Igreja, e vê que muitas delas, e tão importantes, não são postas em prática, seja pela ignorância de uns, seja pela posição extremamente conservadora de outros – é terrível. Os cardiais da Cúria romana, p. ex., salvo honrosas e poucas exceções, agem como se o mundo não tivesse, de 4 séculos para cá, virado tantas páginas – e que páginas! Não querem entrar na correnteza da história. Dir-se-ia que o intento deles é travar a marcha da história – o que não conseguirão, é claro. Não é possível resumir para você tudo o que tenho visto, ouvido e observado neste particular. Entretanto, como talvez você não tenha tomado conhecimento de certos fatos, lembro, p. ex., que o cardinal Lercaro, de Bolonha, declarou há dias que “o comunismo e o socialismo serão exorcizados com água benta”. O cardinal Ottaviani, em solene reunião em Santa Maria Maggiore, pronunciou-se contra a distensão política, exatamente no instante em que Gronchi deveria partir para Moscou (depois soube que a partida tinha sido adiada). Há dois anos atrás o bispo de Prato, que sofreu um processo porque mandou denunciar do púlpito como concubinos um par que só se casara no civil – comparou publicamente seu martírio com o do nosso Senhor na sua Paixão. Note-se que o bispo não compareceu ao tribunal; sofreu uma multa de 40.000 liras (70 dólares). Na mesma época, altos prelados declararam que a Igreja não pode respirar na Itália; compararam a perseguição religiosa na Itália à da Europa Oriental e China comunista (sic). Também nessa época o cardinal Lercaro, já citado, mandou tocar a finados, durante 30 dias, os sinos da sua diocese, e revestir as igrejas de panejamentos negros. O papa – pessoalmente simpaticíssimo, nascido do povo, como v. sabe, um anti-Pio XII, espontâneo e natural (ainda não fez nenhum discurso doutrinário) – no começo parecia disposto, com certas atitudes e declarações suas, a reconhecer o interesse e o valor de determinada linha socialista; quando o cardinal, Patriarca de Veneza, reconheceu publicamente a ação dos socialistas, dizendo que eles faziam coisas úteis e boas para a coletividade. Houve uma certa fase de “suspense” em que se pensou que algumas coisas se mudariam na linha política da Igreja. (Mendes, 1960).

A partir deste ponto da carta, Murilo passa a descrever a relação entre religião e política na sociedade italiana, citando o exemplo do partido da *Democracia cristã* (DC), o qual governou a Itália por quase quarenta anos, ao longo dos diferentes governos de coalizão após o fim da segunda guerra mundial. O poeta frequentemente se declarou antifascista, conforme a entrevista concedida ao jornal *A Manhã* em catorze de maio de 1944, cujo título era “Um ‘político da poesia’ e os problemas do homem e da criação intelectual”. O texto é importante, porque, nele, o poeta indica a importância, em seu plano artístico, de uma perspectiva metafísica e de um posicionamento antifascista:

Se prevalecer no Brasil uma corrente que condena a preocupação com os problemas metafísicos, teremos muito o que temer pelo futuro da cultura brasileira. É evidente que muitos e importantes problemas se acham relacionados com a economia, sem que isto lhes tire o seu aspecto metafísico. Um escritor deve ser livre de poder realizar uma obra artística de acordo com as disposições do seu sentimento, da sua cultura e do seu temperamento. O que não pode é bitolar sua personalidade dentro das injunções dos programas e partidos políticos. Considerando a luta que se desenvolve atualmente no mundo, é claro que a única posição decente é antifascista, porque o fascismo é uma doutrina desumana que mutila a estrutura do indivíduo e suprime justamente as liberdades que eu reivindico (Mendes, 1944a, p. 6).

Nesse sentido antidogmático e antifascista, se enquadra o catolicismo de Murilo expresso na continuação da carta de 1960 a Alceu. Murilo indica na ação de uma ala do Vaticano, alinhada com os interesses do governo dos Estados Unidos, que ele chama de “cardiais do Pentágono”, a responsabilidade pela dificuldade da criação de uma aliança, no cenário político italiano, entre católicos, socialistas e comunistas:

Mas em breve os cardiais do Pentágono barravam ao Papa qualquer veleidade de alteração da linha, como logo se viu no caso da aliança política de uma fração da D.C., na Sicília, com socialistas e comunistas. O Papa, segundo versão autorizada, não queria assinar o documento do Santo Ofício, que guardou uns dias na gaveta: mas acabou assinando mesmo. O Papa queria abolir sedes gestatórias. Queria isto, queria aquilo... mas os cardiais da Cúria não deixam. Existe uma questão mais forte que a questão romana: a dos contrastes entre a Igreja italiana e a universal. A política dos cardiais italianos é feita de acordo com os interesses locais, em detrimento da Igreja universal. Quantos cardiais conta a Itália? 31. Quantos cardiais contam países de antiga e fortíssima tradição católica, como a França e a Espanha? 6 ou 7 cada um. E o desnível existente entre boa parte das encíclicas, sermões, discursos eclesiais com sua linguagem obsoleta, e a problemática dos nossos dias? Etc etc etc. (Mendes, 1960).

Nesta longa carta, Murilo confessa ao crítico sua relação com a religião católica e sua discordância com as ideias oficiais da Igreja católica a respeito de questões sociais e políticas. Se compararmos esta carta de 1960 com um trecho de um artigo escrito nos anos 1940, resulta evidente como, para o poeta, a religião era algo a mais do que um

princípio de fé, relacionado não somente com a literatura e a arte, mas também com os ideais socialistas. No artigo “Cristo e tradição”, publicado no jornal *A Manhã*, em dez de junho de 1944, o poeta escreveu:

Sem dúvida alguma, os cristãos devem obedecer aos poderes constituídos: isto está escrito. Mas também está escrito que é melhor obedecer a Deus que aos homens (Esta palavra é muito menos lembrada do que aquela). Quando os quadros sociais tornam-se anacrônicos, esvaziando seu conteúdo histórico, para que conservá-los em nome da tradição cristã? Será que Hitler, Mussolini, Hirohito, Franco etc etc se interessam em transmitir às gerações futuras as nossas grandes tradições dos sacrifícios litúrgicos de Abraão e Moisés, a Lei evangélica e a Eucaristia, isto é, os elementos essenciais do catolicismo clássico? Quanto a mim, não há demônio que me meta isto na cabeça (Mendes, 1944b, p. 4).

De forma coerente com as ideias expressas no artigo acima citado, o poeta, na continuação da carta de 1960, manifesta ao crítico sua maior propensão a entender os mistérios da igreja do que os seus posicionamentos políticos:

Parece-me supérfluo dizer-lhe que aceito como uma criança os dogmas da nossa religião, e adoro. Como resultam claros, quando se tem o coração aberto, o mistério da Santíssima Trindade, a Encarnação de Nosso Senhor, a Imaculada Conceição, e os outros dogmas! Para mim, quando comecei a estudar a sério a doutrina, foi mais fácil aceitar esses divinos mistérios do que a linha política e social da Igreja. Como é bom e confortador que tenham sido definidas essas verdades absolutas, que nos põem frente a grandes coisas; estruturas sobrenaturais infinitamente mais fortes e resistentes que tudo o que pretendemos explicar com a nossa ingênua objetividade! É nesse ponto que a igreja é incomparavelmente grande; disto decorre a fabulosa e contínua geração dos santos. Em resumo, para mim, o dogma é claro, e a matéria livre ou controversa muitas vezes obscura. Enfim, creio ter lhe dito o suficiente para você ver que não trato apenas de literatura e artes. (Mendes, 1960).

Na conclusão da carta, o poeta informa o crítico sobre as suas atividades como professor na Universidade de Roma e recorda também sua experiência como conferencista em diversas universidades europeias entre 1952 e 1955. Murilo cita as suas leituras de autores italianos antigos do *Dolce stil novo*, além de mencionar Dante e Petrarca. Já na carta de três de novembro de 1963 para João Cabral, Murilo, após contar da viagem ao Marrocos, informa o amigo poeta sobre suas leituras da *Divina Comédia* (“De resto, acabara de reler o 5º canto do *Inferno* [Paolo e Francesca], o célebre canto cheio de erros onomatopaicos, p. ex. no verso: *Stavvi Minós orribilmente, e ringhia* [...]”). Na biblioteca do poeta em Juiz Fora, podemos inferir que Murilo possuía, pelo menos, duas edições diferentes da *Divina Commedia*, em italiano, além da *Vita Nuova* e das *Rime* de Dante Alighieri, as *Rime* de Cecco Angiolieri, uma antologia de Guido Guinizelli (*I rimatori del Dolce stil novo*, 1950) e *Il mio segreto* de Petrarca. Murilo dedicou um murilograma a Guido Cavalcanti e diversos retratos-relâmpago (publicados entre 1973 e 1994) a outros poetas da literatura italiana medieval, tais como São Francisco de Assis, Dante, Petrarca,

Cecco Angiolieri, Folgóre da San Gimignano. Na carta, o poeta, o qual menciona, também, o trabalho de Saudade em traduzir um texto de Shakespeare, escreve:

Minha experiência de professor me tem interessado bastante. É a primeira vez que o sou; de fato, na Bélgica, Holanda e Paris fui antes encarregado de conferências muito mais do que professor. Aqui dou 3 aulas por semana (em italiano!). No primeiro ano, em 57, tive dificuldades; mas no ano seguinte a coisa se compôs, e agora entrou tudo nos eixos. Tive um trabalho enorme com a *Commedia*, que li do princípio ao fim, estudando minuciosamente cada canto. Depois li Petrarca e os poetas do Dolce stil novo, de que gosto muito. E, naturalmente, alguns textos fundamentais da literatura moderna. O Prof. Della Rocca visitou-me em 58, vindo da sua parte. Muito cordial, prometeu voltar, ou então convidar-me para ir a sua casa. Não o fez; creio que é ocupadíssimo. Temos aqui ótimas relações no mundo das artes e da literatura. Como v. poderá avaliar, Saudade me ajuda muito; é uma companheira exemplar. É muito admirada no nosso círculo – “*et pour cause*”. Atualmente traduz – com que escrupulo! – *A midsummer Night’s dream*. (Mendes, 1960).

Na continuação da carta, Murilo pergunta se Alceu recebeu *Poesias* (antologia, publicada em 1959, de poemas escritos pelo poeta entre 1925 e 1955,) e *Tempo espanhol*, escrito entre 1955 e 1958, e publicado em 1959, em Portugal, dedicado ao “grande ibérico Jaime Cortesão, querido sogro e amigo”. O livro sobre a Espanha, referido na carta a Alceu, foi matéria de um rico diálogo epistolar entre Murilo e João Cabral de Melo Neto, reconstruído por Ricardo Souza de Carvalho (2011) e por Carlos Mendes de Sousa (2019). Na carta para Alceu, em que há uma referência a Antonio Candido, Murilo escreve:

V. me diz que não recebeu meu último livro. *As Poesias* ou *Tempo espanhol*? Quanto ao primeiro, seu nome – como é natural – figurava entre os primeiríssimos da lista que enviei ao José Olympio, logo que a obra saiu. Depois do seu cartão, reclamei ao editor. Mande-me dizer se já o tem, please. Quanto a T.E., se o Candido (comprou 500 exs.) não lho deu, diga também: expedir-lhe-ei um por via aérea. E agora toque a vez de me escrever, me contar seus planos, e, caso tenha exs. disponíveis, me mandar seus livros. Logo que puder, é claro. (Mendes, 1960).

Em catorze de julho de 1961, Murilo pergunta novamente ao crítico se recebera seus dois livros de poesia, *Poesias* e *Tempo espanhol*:

O cartão junto está sem sorte. O correio devolveu-me há muito tempo, mas ficou debaixo duma pilha de livros, e só ontem o achei. Vai também uma nota-recibo da entrega das minhas *Poesias* em 59. Nunca soube se você recebeu esse livro, como também o *Tempo espanhol*. Não há a mínima alusão a isto, nas suas cartas. Partiremos a 18, em viagem de férias, pa. Espanha e Portugal. (Mendes, 1961).

Em vinte e três de janeiro de 1963, Murilo escreve uma carta para Alceu referindo-se ao seu amigo, o poeta espanhol Jorge Guillén (1893-1984)⁴. Ricardo Souza de Carvalho publicou, em 2011, o texto inédito de um retrato-relâmpago para Guillén, que Murilo não incluiu no livro oficial. Nele, o poeta mineiro escreve sobre seu relacionamento com o poeta espanhol: “encontramo-nos várias vezes, em Roma, Florença, Lisboa e Algarve. Uma das nossas últimas *citas* foi no Jardim botânico de Lisboa, sítio remansoso no centro da cidade, dando-nos a ilusão de que a natureza ainda existe” (Mendes *apud* Carvalho, 2011, p. 271). Na carta de janeiro de 1963, Murilo escreve, pedindo a Alceu uma autorização para Saudade como representante da revista *A Ordem*, na Itália, somente para obter descontos em bilhetes ferroviários, conforme alega. Nas últimas cartas, para Laís Corrêa de Araújo, para a irmã Virgínia, para Drummond e João Cabral, Murilo manifesta medo de que seu contrato com Itamaraty fosse suspenso e ele perdesse seus rendimentos. Na carta para Alceu, o poeta escreve:

[...] e parece que foi há muitos – quando foi ontem – que os tivemos aqui, trazendo-nos o charme de nossa terra e da nossa gente. Meu amigo Jorge Guillén costuma dizer que agora o tempo nos destrói mais que a bomba atômica. Passa mesmo com um ritmo terrível. Continuamos nossa vidinha romana, até que possamos regressar ao Brasil. As notícias que nos chegam daí são assustadoras, mas inda assim bendirei o dia em que tivermos que regressar. Por mais internacional e universalista que me sinta, constato que via a via sou mais brasileiro e mineiro. O Brasil tem um encanto irresistível. E com todos os seus defeitos, *on ne s’y ennueie jamais*. Eu de resto desconheço a *noia*, tema obrigatório de boa parte da literatura italiana atual. Se ela vem, dou-lhe um safanão. Já Stendhal nos dizia que o inimigo nº 1, *c’est l’ennui*. Alceu, peço-lhe o favor de mandar-nos a declaração de que falamos aqui. Basta escrever numa folha de papel com o carimbo da revista as seguintes palavras: Declaro que a Senhora Maria da Saudade Cortesão Mendes é representante e correspondente da revista *A Ordem* na Itália. E assinar. Como lhe expliquei, é só para habilitação a desconto em bilhetes ferroviários (acabam de sofrer um forte aumento). (Mendes, 1963).

É importante destacar que Murilo apontou para o fato de que se sentia um franco-atirador, livre de modismos, tendo manifestado, em algumas ocasiões, que não pertencia a grupos e não aderira a manifestos. Tal posição foi mantida de forma coerente, pelo poeta, em relação a sua conversão ao catolicismo, a sua defesa de ideias socialistas e mesmo a sua adesão ao surrealismo. Por exemplo, no retrato-relâmpago intitulado “André Breton” (1973), Murilo reconstruiu a sua adesão não ortodoxa ao surrealismo nos anos 1920:

Eu e mais alguns poucos descobríamos no Rio o surrealismo. Para mim foi mesmo um *coup de foudre*. Claro que pude escapar da ortodoxia. Quem, de resto, conseguiria ser surrealista em regime de *full time*? Nem o próprio Breton. Abracei o surrealismo à moda brasileira, tomando dele o que mais me interessava: além

⁴ De Jorge Guillén, Murilo possuía, em sua biblioteca, *Y otros poemas* (Buenos Aires, 1973), *Clamor* (Buenos Aires, 1963), *Guirnalda civil* (Cambridge, 1973), *La fuente* (Milano, 1961) e *Lenguaje y poesia* (Madri, 1962).

de muitos capítulos da cartilha inconformista, a criação de uma atmosfera poética baseada na acoplagem de elementos díspares (Mendes, 1994, p. 1238-1239).

Numa carta a Laís Corrêa de Araújo, escrita em Roma, em nove de abril de 1969, Murilo sublinha o fato de não ter pertencido a “programas” e “manifestos”: “Eu tenho sido a vida toda um franco-atirador. Procuo obedecer a uma espécie de lógica interna, de unidade apesar dos contrastes, dilacerações e mudanças; e sempre evitei os programas e manifestos” (Mendes *apud* Araújo, 2000, p. 191). A partir desta perspectiva antidogmática, devem ser enquadradas as cartas para Alceu, em que o poeta reflete sobre a sua relação com o catolicismo. Na missiva, por exemplo, do dia primeiro de junho de 1963, Murilo informa o crítico sobre a saúde do Papa João XXIII (1881-1963), o qual faleceria no dia três de junho daquele ano. Nela, o poeta coloca em destaque valores morais universais como a dignidade, a justiça, a perseverança, o altruísmo:

Desculpe-me o atraso desta: o excesso de trabalho e de compromissos torna-me incivil. Recebi sua carta de abril, grazie. Entendi esta um pouco melhor que as outras, mesmo assim, não consegui decifrar certas palavras. Lamento que você não tenha mais amigos a seu lado, lutando numa posição que é a justa. Agora, que este grande Papa João XXIII nos reconduziu diante do mundo à dignidade de católicos, agora esses católicos não querem ouvir a voz ecumênica! Mas você bem sabe que suas lutas compõem sua cruz. Você poderá sem dúvida avaliar nossa emoção nestes últimos dias, com o agravamento do estado de saúde do Papa. Eu, que raras vezes abro o rádio, não o largo de ontem para hoje. O exemplo que João XXIII está dando é uma coisa enorme. Pastor universal, revela, agonizando, seu coração aberto a todos. Quando ontem parecia ter atingido o fim, soergue-se na cama e com voz claríssima agradece a todos, pede perdão, diz várias vezes “Eu sou a Ressurreição e a Vida”, “ut sint unum”, fala em bergamasco com os irmãos, recomenda aos cardiais a continuação do concílio, prega a paz... uma coisa espantosa. O ar de Roma nestes dias é algo de único. Estamos realmente em comunicação com o universo espiritual, O Papa conseguiu atrair o interesse de todos, faz pulsar os corações. É um homem magnético. Junto lhes mandamos suas fotos como lembrança da vossa visita a Roma, que tanto prazer nos deu. Aguardamos os seus livros de ensaios. (Mendes, 1963).

No dia trinta e um de março de 1967, Murilo menciona uma visita de Alceu a sua casa e reflete sobre a poluição sonora na cidade de Roma. Esse tema está presente também nas cartas do mesmo período para Laís Corrêa de Araújo e para a irmã Virgínia Mendes. Já em 1964, o poeta, em carta inédita para a irmã, falava das transformações do estilo de vida de Roma, que de 150 mil veículos aumentara para 700 mil, desde a sua chegada em 1957. Sente-se, também, claramente um “tom desalentado”. No ano de sua morte, 1975, Murilo escreveu uma carta para sua irmã, Virgínia Mendes Torres, em que fala de medo e depressão:

Eu ando (aqui entre nós) deprimido e angustiado, em parte pelo que se passa na Itália, mormente em Roma: todos têm medo, devido aos sucessivos roubos,

assassinatos, sequestros de pessoas, violências de toda espécie. Muitas páginas de jornal são dedicadas a isso. Temo pelas nossas vidas e pelo roubo dos quadros. Nessa idade vou me desprendendo das coisas, mas os quadros formam uma parte importante do (modesto) patrimônio de Saudade. Receio também o próximo fim da minha comissão. Quando ela terminar, como poderemos viver no Rio com uma pensão de CR\$ 2.400,00? Tenho evitado falar-lhe desses assuntos, mas de vez em quando é preciso desabafar. (Mendes, 1975).

Nas últimas cartas a Laís Corrêa de Araújo, o poeta “entra numa fase depressiva, explicada por ele pela *burrice, crueldade e sujeira do mundo*”, e mostra “dificuldade em manter um ritmo criativo”. Em carta escrita no dia 18 de agosto de 1974, escreve para Laís: “a vida na Itália tem me deprimido muito, pelos episódios de terror e extrema violência, atentados horríveis, morte, o diabo”. O poeta atribuía a culpa “aos fanáticos da extrema-direita”; nessa carta também justificava “a linha da síntese de sua poesia” e reiterava “a dificuldade de edição de textos seus no Brasil”. Ainda em 1974, Murilo confessa que “anda mesmo em crise permanente diante das notícias de violência, terror, corrupção, mercantilismo atroz, o diabo. Passo certos dias num desânimo horrível, hesitando entre o amor à vida e a vontade de acabar, diante do que vejo, leio e ouço”. Na carta para Alceu do dia trinta e um de março de 1967, o poeta inicia a manifestar insatisfação com a poluição sonora e visual, causada pelo excesso de carros em Roma. Murilo menciona, também, suas aulas nas universidades de Pisa e Roma⁵:

Regressando das férias de Páscoa encontro sua carta que me deixa comovido e preocupado. Espero (amos) que a festa da vitória sobre a morte tenha trazido ao Jorge a saúde, restituindo a tranquilidade de espírito a V., a D. Maria Teresa e demais parentes. O automóvel está fazendo mais vítimas do que a peste; além disto, estragando a beleza das cidades. Roma, p. ex., transformou-se numa grande garagem. Enfim, que podemos fazer? A esta distância, as notícias tornam-se difíceis, por isso muito me preocupo. Minhas orações não valem nada, mesmo porque, infelizmente, não tenho o dom da oração. De qualquer modo, ajudarei, em grau mínimo, a pedir a N. S. Caso vs. venham a Roma, como tanto desejo, queira me telefonar no dia da chegada (651836) dizendo se poderão vir jantar conosco na 3ªfeira 18, ou então almoçar ou jantar (de prefer., jantar) na 4ª f. 19 (às 3as durmo em Pisa, e almoço no trem, de volta a Roma). Caso possa me mandar 3 linhas s/ a saúde do Jorge, faça-o, please. (Mendes, 1967).

Em vinte e sete de abril de 1968, Murilo solicita o apoio do crítico em relação à difusão da obra de seu cunhado, Jaime Cortesão⁶, na tríplice função de amigo, membro da

⁵ Maria Betânia Amoroso (2013) publicou um dos roteiros, elaborados pelo poeta, de um curso de literatura brasileira.

⁶ Murilo possuía, em sua biblioteca, títulos de Jaime Cortesão como: *A fundação de São Paulo: capital geográfica do Brasil* (Rio de Janeiro, 1955), *A sinfonia da tarde* (Porto, 1912), *Alexandre de Gusmão e o tratado de Madrid (1750)* (Rio de Janeiro, 1950), *O que o povo conta em Portugal: trovas, romances, orações e seleção musical* (Rio de Janeiro, 1942), *O romance das ilhas encantadas* (Paris, 19-), *A carta de Pero Vaz de Caminha* (Rio de Janeiro, 19-).

Academia Brasileira de Letras e jornalista. Murilo dedicou ao sogro um texto, publicado em *Retratos-relâmpago* (1994) e, também, em *Janelas Verdes* (1989 e 1994), em que escreve:

Entretanto sua obra de pesquisador e historiador marchava até atingir proporções monumentais: “Alexandre de Gusmão e o tratado de Madrid” (9 volumes), os “Manuscritos da Coleção De Angelis”, “Raposo Tavares e a formação territorial do Brasil”, “Introdução à história das bandeiras”, “História do Brasil nos velhos mapas” etc. Além de trabalhar na seção de obras raras da Biblioteca Nacional, inicia no Instituto Rio Branco um curso para futuros diplomatas, propondo um novo panorama no Brasil na sua dimensão histórica. Paralelamente cresce a estatura do animador de ideias e conferencista de alto nível: à ciência juntava um dom magnético de comunicabilidade humana. Nesse período importante da sua vida organizou a grande exposição comemorativa do 4º centenário de São Paulo. Cercando-se de assistentes, artistas plásticos, escritores, realizou em moldes modernos uma obra de difusão popular da história paulistana no quadro geral da nossa história, o que lhe valeu altas honorificências. A admiração e o carinho que lhe dedicava o Brasil foram resumidos nesta quadra de Manuel Bandeira: “Honra ao que, bom português, / baniram do seu torrão: / Ninguém mais que ele cortês, / Ninguém menos cortesão” (Mendes, 1994, p. 1289).

Na carta, Murilo solicita a Alceu o empenho em divulgar a obra de Cortesão através, por exemplo, de sua distribuição em colégios, universidades, institutos e bibliotecas. O poeta indica, sobretudo, a divulgação dos livros “A expedição de Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil” e “A carta de Pero Vaz de Caminha”, definidos por ele monumentos de ciência histórica e geográfica, insuperáveis no seu gênero:

Escrevo-lhe para lhe fazer uma sugestão e um pedido, na sua tríplice qualidade de amigo, de membro da Academia Brasileira de Letras e de jornalista prestigioso. Penso, com efeito, que neste momento em que se comemora o Vº Centenário de Pedro Álvares Cabral, seria muito útil e oportuna uma difusão maior no Brasil da obra de Jaime Cortesão, e em especial dos livros “A expedição de Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil” e “A carta de Pero Vaz de Caminha” que tão perfeitamente se adaptam às atuais celebrações cabralianas. Estes dois monumentos de ciência histórica e geográfica, insuperáveis no seu gênero, acabam de ser reeditados em Lisboa pela Editora Portugália, em edições de bela apresentação gráfica e de preço razoável. V. meu caro Alceu, com a sua autoridade e sua nunca desmentida amizade, é realmente pessoa indicadíssima para promover, por meio das instituições culturais de que é membro e dos jornais em que colabora, a aquisição dum número substancial de exemplares dessas – e até doutras obras de Cortesão referentes ao Brasil – para distribuição em colégios, universidades, institutos e bibliotecas. Aqui lhe deixo a sugestão com o maior empenho, não só por me parecer de real interesse para o Brasil e constituir justa homenagem a quem dedicou grande parte de sua obra e da sua vida à nossa terra e à nossa gente, mas também porque semelhante aquisição viria aliviar a tensão que atualmente existe entre a viúva do historiador e a Editora já mencionada, a qual se queixa, aliás com razão, de que o Brasil não tem correspondido à meritória realização a que ela se abalçou

publicando as *Obras Completas*, realização que se acha, assim, seriamente ameaçada. Neste mesmo sentido vou escrever também ao Josué Montello (presidente do Conselho Nacional de Cultura) ao Pedro Calmon seu colega na Academia. Uma sua palavra, um seu artigo, meu caro Alceu, seriam de grande ajuda. Estou certo que V. dedicará sua melhor atenção a este assunto, e pode crer que por minha parte terei também prazer se de qualquer forma lhe puder ser útil no meu atual cargo à frente do Setor Cultural do Instituto Ítalo-latino-americano (cargo que de forma alguma me consola de ter tido que abandonar meus cursos nas Universidades por determinação do governo brasileiro – mas isso é uma outra história). (Mendes, 1968a).

Em carta de vinte e sete de outubro de 1968, Murilo se refere a uma possível candidatura à Academia Brasileira de Letras. Também numa carta inédita, escrita para João Cabral de Melo Neto, com datação próxima à da carta a Alceu, Murilo manifesta certo desconforto ao se apresentar como candidato, ao mesmo tempo em que parece demonstrar algum interesse pelo assunto. Na carta de 10 de novembro de 1968 para João Cabral, ele escreveu:

Quero renovar-lhe meu agradecimento pelo seu interesse no caso eventual da minha candidatura à Academia. Você manifestou-se mais uma vez o grande amigo de sempre, coisa que de resto não me surpreende. Resumo aqui a minha carta ao Alceu: não sou contra a Academia, contra as sociedades literárias (já que o homem é de instintos gregários, reunamo-nos em grupos). Tanto assim que pertenço a duas associações literárias europeias, além da associação internacional de críticos de arte. Além disto, a academia nos últimos anos recebeu no seu quadro nomes dos mais altos da literatura brasileira, culminando esta melhoria com a sua eleição. O que me indis põe é o fardão, e a obrigação de me dirigir a cerca de 40 cavalheiros. Deus me livre de criticar os que o fizeram, muitos dos quais – a começar por você – são homens digníssimos, e da minha reverência. É uma questão de ordem pessoal, implícância, ojeriza. (Mendes, 1968c).

Para Alceu, Murilo manifesta certo desconforto ao se apresentar como candidato, ao mesmo tempo em que parece demonstrar certo interesse pelo assunto. A carta parece indicar que foi Murilo a sondar o apoio de Alceu para uma eventual candidatura. Na missiva, o poeta lamenta a morte recente de Manuel Bandeira:

Muito lhe agradeço por sua carta de 22, que – desculpe-me a franqueza – decifrei só em parte. De pouquíssimo homens se poderia dizer o que costume dizer de você: tem tudo de bom, salvo a caligrafia. Antes assim. Agradeço-lhe muitíssimo pela sua lembrança, escrevendo ao Austrogésilo de A. e prometendo-me seu voto – que muito me honraria – caso eu me candidatasse à Academia. Mas repito o que lhe disse aqui no mês passado, quando tive a alegria de os rever: não sou contra as sociedades literárias, tanto que pertenço a duas europeias, além da Assoc. Intern. de críticos de arte. Mas o regulamento dessas sociedades é outro: o candidato é apresentado por dois sócios; se aceito, recebe uma conta, preenche uma ficha, e se incorpora ao grêmio, excluem-se as formalidades de pedido a cerca de 40 pessoas;

excluem-se o bastão, digo, o fardão, o espadim e o colar; exclui-se o longo discurso de recepção. Além de tudo isto, que me desanima: se eu perdesse a eleição, seria na minha idade uma derrota moral desagradável. Você sabe melhor do que eu: para alguém ser eleito é preciso contar com um ou dois cabos eleitorais fortíssimos, e muito dinâmicos. Não tenho jeito para arranjá-los. Quero entretanto frisar que, se fosse eleito, teria prazer em integrar uma sociedade que hoje está se renovando. E que inclui em seu quadro nomes dos mais altos da literatura brasileira, além disso queridos amigos meus – a começar por você, naturalmente. Grazie também pelos recortes de sua nota em *Le Monde*. Sobre o nosso saudoso Manuel; nota que já havia lido e apreciado, pois sou leitor diário desse jornal. Sentimos muito a falta de tão admirado poeta e bom amigo. Pretendo fazer em breve uma transmissão sobre ele na Radiotelevisão italiana. (Mendes, 1968b).

Em catorze de março de 1973, Murilo agradece Alceu pelo envio de artigos sobre a primeira história da literatura brasileira em língua italiana (*Letteratura brasiliana*, 1972), livro recém-publicado por Luciana Stegagno Picchio (1920-2008):

Grazie pelo envio de seus ótimos artigos sobre o grande livro de Luciana. Ela exultou, e nós também. Vindos de um “autorevole”, especialista do assunto, como é você, não poderia ser de outra maneira. Esperamo-los com o máximo prazer no mês de maio. Que bom se vocês estivessem aqui no dia 13. Saudade oferece um cocktail ao qual comparecem escritores e intelectuais ilustres. Assim teríamos um escritor ilustre a mais, com a sua grande companheira. (Mendes, 1973).

Entre os documentos preservados, no dossiê das cartas, encontra-se a “Saudação a Dom Quixote” – escrito em dezembro de 1973 e publicado em *Coversa portátil* (1994) –, no qual Murilo se refere ao catolicismo do crítico. É interessante notar que o texto dedicado por Murilo Mendes a George Bernanos (1888-1948)⁷, publicado em 1946, no jornal *A Ordem*, era intitulado “Dom Quixote”⁸. As palavras que Murilo dedica ao escritor francês são parecidas àquelas usadas no texto em homenagem a Alceu:

Bernanos é um homem irritante, como todos os profetas. Profeta não é só quem prevê o futuro; é quem diz as coisas como são, na exata, sem rodeios nem farisaísmos. Irritante também, muitas vezes, deve ter sido o próprio Cristo. ‘Esta palavra é dura, quem a pode ouvir?’[...] Não acreditem que o militante Bernanos se encolherá. Ele viverá sempre com o povo e com seus amigos, participando, xingando, rezando. Saiu pelo mundo combatendo pela verdade teológica, – que outra não é sua Dulcineia, – com as armas da fé, da esperança e da caridade. (Mendes, 1946, p. 52-54).

⁷ Na biblioteca de Murilo, há dez volumes de Georges Bernanos.

⁸ Esse texto foi publicado recentemente por Júlio Castañón Guimarães (2012), na mesma edição, em que foram publicadas duas cartas, de 1944 e de 1946, escritas por Murilo Mendes para Georges Bernanos, e uma carta, sem data, de Bernanos para Murilo.

Prevalece a ideia de uma combatividade, de uma religiosidade relacionada a aspectos culturais, certa atitude idealista e anticonformista em dizer a verdade, em lutar por certos ideais desvalorizados na modernidade:

A vida de Alceu Amoroso Lima, que agora atinge oitenta anos, não revela nada de espetacular nos seus aspectos externos. Deixando de lado o Alceu professor, o conferencista, o tribuno, o amigo exemplar, prefiro no momento referir-me ao escritor, ao crítico iluminado, grande animador do nosso modernismo. Mais que tudo, aquele que desde jovem tem lutado com essa força real e incompreendida – o catolicismo. Num país de críticos, país também fortemente tocado pela ideia positivista, como é o Brasil, trabalhar pelo catolicismo, segundo ele (e não somente ele) meta suprema da existência humana, torna-se algo de quixotesco. Uma vida mesmo longa – tal a de Alceu – resulta insuficiente para se abraçar em toda sua extensão e profundidade o conjunto católico que – assim escreveu, entre outros, o insuspeito Paul Valéry – comporta uma infinidade de aspectos constituindo uma soma total de ideias. Por isso mesmo, acrescento eu, faz-se necessário, para elucidá-lo, uma segunda vida. Herdeiro de antigas tradições orientais, da cultura grega, da israelita, o catolicismo passou ao crivo todas essas propostas, adaptando-as a situações novas. Através de algumas das maiores cabeças da humanidade. Este dom de transformação e adaptação provém, diz Baudelaire nos *Journaux intimes*, do caráter feminino da Igreja. É uma tão complexa, difícil, variada doutrina que Alceu tenazmente estuda e difunde há mais de cinquenta anos. Num esforço fabuloso para conhecer-lhe o cerne. Coisa de doido. Mas já não dizia São Paulo que o cristianismo é a loucura da cruz? Essa cruz que, opondo-se à “sabedoria” do mundo, espaventa e afasta a imensa maioria. Sejamos, portanto, gratos ao nosso Alceu Amoroso Lima, que, num universo de autossuficiência atea, de divinização da tecnologia, e onde tantas vezes se manifesta a diabólica trindade – força, estupidez, crueldade unidas – contribui para que não se extinga a estúpida, indispensável linhagem de Dom Quixote. (Mendes, 1994, p. 1478-1479).

Na carta de dezenove de fevereiro de 1974, Murilo parabeniza o crítico pelo seu 80º aniversário e menciona o texto, acima citado, escrito por Murilo em sua homenagem:

Já que os correios italianos não funcionam, aproveite a vinda Roma e volta ao Rio do nosso Alexandre Eulálio, para mandar-lhe esta ligeira saudação pelo seu glorioso 80º aniversário. O original foi enviado pela Varig, aos cuidados do amigo Araújo Neto, corresp. do *Jornal do Brasil* aqui, pa. ser publicado no dito; mas soube que não saiu. (Mendes, 1974).

Considerações finais

A leitura das cartas inéditas escritas por Murilo Mendes para Alceu Amoroso Lima, entre 1958 e 1974, traz diversas informações importantes sobre a relação da poesia de Murilo Mendes com o catolicismo. Ao confrontamos as cartas com os artigos de jornais

dos anos 1940, ainda inéditos em livro, resulta evidente o relacionamento não dogmático com a fé católica, vivenciada por Murilo como referência de valores morais universais, no plano da cultura e de um posicionamento ideológico progressista. Ao aproximar, nestes artigos de jornais dos anos 1940, comunismo e catolicismo, numa época em que estava em curso o advento do nazifascismo em escala planetária, Murilo propõe um debate público sobre a necessidade de a igreja católica oficial se posicionar politicamente de forma coerente com seus valores éticos universais de justiça e liberdade. Resulta evidente, nesse sentido, o mesmo posicionamento adotado por Murilo, diante de suas escolhas estéticas e políticas: a tendência a aderir de forma não dogmática aos coletivismos e grupos. A influência do catolicismo, do comunismo e do surrealismo na obra do poeta deve ser enquadrada, dentro da perspectiva estética, apontada por Murilo Marcondes de Moura (1995), segundo a qual a religiosidade de Murilo Mendes manifestava-se sempre como desejo utópico de totalidade e abrangência. As cartas, as quais trazem referências explícitas a dois livros de Murilo Mendes de 1959 (*Poesias e Tempo espanhol*), informam sobre a influência, em sua obra, das leituras e do diálogo realizado com Alceu Amoroso Lima, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Jaime Cortesão, Nicolás Guillén, Luciana Stegagno Picchio, auxiliando na compreensão de vários elementos da língua e do estilo do poeta mineiro. Nas últimas epístolas, próximas da morte de Murilo, ocorrida em 1975, o poeta manifesta certo desconforto com a mercantilização da vida e o avanço da violência na sociedade contemporânea.

KHÉDE, R. S. Religion and poetry in the unpublished letters of Murilo Murilo to Alceu Moroso Lima (1958-1974). **Revista de Letras**, São Paulo, v.63, n.2, p.131-149, 2023.

- **ABSTRACT:** *In the poet's collection at the Murilo Mendes Museum, at he Federal University of Juiz de Fora (UFJF), 50 unpublished documents are preserved, including 39 letters, 3 telegrams, 4 notes, 3 postcards and 1 text written by Murilo Mendes (1901-1975) to Alceu Amoroso Lima (1893-1983), between 1930 and 1974. From Alceu to Murilo there are only two letters preserved, according to information from Leandro Garcia Rodrigues (2023). Due to the extent and richness of the material present in the letters, it was considered necessary to divide the work into two stages. This essay aims to cover the 11 missives sent by Murilo Mendes to Alceu Amoroso Lima, between 1958 and 1974 – the period preceding the transfer, in 1957, to Italy, of the poet and his wife, Maria da Saudade Cortesão Mendes (1913-2010) -, when analyzing the relationship between poetry and religion in the work of Murilo Mendes.*
- **KEYWORDS:** *Murilo Mendes; Alceu Amoroso Lima; unpublished letters; religion; criticism; poetry.*

REFERÊNCIAS

- AMOROSO, M. B. **Murilo Mendes**: o poeta brasileiro de Roma. São Paulo: Ed. da Unesp; Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, 2013.
- ANDRADE, M. A poesia em Pânico [1939]. *In*: ANDRADE, M. **O empalhador de passarinho**. São Paulo: Livraria Martins, 1946. p. 45-52.
- ARAÚJO, L. C. **Murilo Mendes**: ensaio crítico, antologia, correspondência. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- CARVALHO, R. S. de. **A Espanha de João Cabral e Murilo Mendes**. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- GUIMARÃES, J. C. (org.). Dom Quixote, artigo de Murilo Mendes. *In*: GUIMARÃES, J. C. **Cartas de Murilo Mendes a correspondentes europeus**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012. p. 136-139.
- GUIMARÃES, J. C. **Contrapontos**: notas sobre correspondência no modernismo. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.
- GUIMARÃES, J. C. **Territórios/ Conjunções**: poesia e prosa críticas de Murilo Mendes. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- MENDES, M. **Poesia completa e prosa**. Organização, preparação do texto e notas de Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MENDES, M. [**Correspondência**]. Destinatário: Virgínia Mendes Torres. Roma, 14 maio 1975. 1 carta pessoal.
- MENDES, M. [**Correspondência**]. Destinatário: Alceu Amoroso Lima. Roma, 19 fev. 1974. 1 carta pessoal.
- MENDES, M. [**Correspondência**]. Destinatário: Alceu Amoroso Lima. Roma, 14 mar. 1973. 1 carta pessoal.
- MENDES, M. [**Correspondência**]. Destinatário: Alceu Amoroso Lima. Roma, 27 abr. 1968a. 1 carta pessoal.
- MENDES, M. [**Correspondência**]. Destinatário: Alceu Amoroso Lima. Roma, 27 out. 1968b. 1 carta pessoal.
- MENDES, M. [**Correspondência**]. Destinatário: João Cabral de Melo Neto. Roma, 10 nov. 1968c. 1 carta pessoal.
- MENDES, M. [**Correspondência**]. Destinatário: Alceu Amoroso Lima. Roma, 31 mar. 1967. 1 carta pessoal.
- MENDES, M. [**Correspondência**]. Destinatário: Alceu Amoroso Lima. Roma, 1 jun. 1963. 1 carta pessoal.

- MENDES, M. [**Correspondência**]. Destinatário: Alceu Amoroso Lima. Roma, 14 jul. 1961. 1 carta pessoal.
- MENDES, M. [**Correspondência**]. Destinatário: Alceu Amoroso Lima. Roma, 14 mar. 1960. 1 carta pessoal.
- MENDES, M. [**Correspondência**]. Destinatário: Alceu Amoroso Lima. Roma, mar. 1959. 1 cartão postal.
- MENDES, M. [**Correspondência**]. Destinatário: Alceu Amoroso Lima. Roma, 15 fev. 1958a. 1 carta pessoal.
- MENDES, M. [**Correspondência**]. Destinatário: Carlos Drummond de Andrade. Roma, 16 fev. 1958b. 1 carta pessoal.
- MENDES, M. Dom Quixote. **A Ordem**, Rio de Janeiro, p. 52-54, 1946.
- MENDES, M. Um 'político da poesia' e os problemas do homem e da criação intelectual. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 14 mai. 1944a.
- MENDES, M. Cristo e tradição. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 10 jun. 1944b.
- MENDES, M. Cristo companheiro. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 24 dez. 1944c.
- MENDES, M. Na comunhão dos santos. **A Ordem**, Rio de Janeiro, dez. 1938.
- MORAES, M. A. (org.). **Correspondência**: Mário de Andrade e Manuel Bandeira. São Paulo: Edusp, 2000.
- MORAIS, J. M. Poesia eterna. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 5 abr. 1935.
- MOURA, M. M. **Murilo Mendes**: a poesia como totalidade. São Paulo: Edusp, 1995.
- RODRIGUES, L. G. (org.). Cartas de Alceu e Murilo: Religião e vida literária. *In*: RODRIGUES, L. G. **Cartas que falam**: ensaios sobre epistolografia. Belo Horizonte: Relicário, 2023. p. 221-236.
- SOUSA, C. M. Conversar-escrevendo: João Cabral e Murilo Mendes. **Colóquio/Letras**, Lisboa, n. 200, p. 123-160, jan. 2019.